



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 - Sociologia da Cultura

FOLHINHAS, AGENDAS E ROLÊS: A construção da Memória na Pixação de
Curitiba (PR)

Stephan Allek Weigert¹

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura estudar a memória a partir das práticas da pixação de Curitiba. Tal apresentação vai de encontro com a pesquisa na qual desenvolvo no mestrado, voltada ao estudo da pixação curitibana a partir das dimensões da memória e da sociabilidade no movimento ².

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, stephan.weigert@ufpr.br

² Por “movimento”, refiro-me ao contexto local da pixação curitibana, considerado sua especificidade.

A pixação³, como um movimento cultural e urbano das metrópoles brasileiras, apresenta diferentes características, como as folhinhas, as agendas e os rolês, que contribuem para a formação de uma memória coletiva do grupo, como conceituada nos estudos de Maurice Halbwachs (1990), que analisa como o fenômeno da memória se entrelaça com os aspectos sociais da vida cotidiana.

Cabe esclarecer de antemão a particularidade da pixação grafada com X. Diferenciando-se esteticamente da pichação, do grafite e da arte urbana, a pixação é um movimento cultural que surgiu na cidade de São Paulo na década de 80 (Larruscahim, 2014), inspirada pela cultura punk e constituída principalmente por jovens periféricos (Pereira, 2010, p. 146). Vale destacar que esta prática é enquadrada como crime pela Lei de Crimes Ambientais Nº 9.605 (Brasil, 2011), e os atores sociais envolvidos assumem práticas consideradas desviantes (Becker, 2008), como o dano ao patrimônio público e privado. A pixação detém uma característica particular entre as demais escritas urbanas, na qual se observa um estilo “reto” das assinaturas, com letras pontiagudas. Nas palavras de Pereira,

A pixação em São Paulo, ou o “pixo”, como seus autores costumam também chamá-la, é uma manifestação estética de parte da população jovem das periferias. Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pixador individual. [...] com traços retos angulosos, ela diferencia-se do que seria o estilo norte-americano de pixação, designado tag, cujo formato arredondado lembra mais uma rubrica. (Pereira, 2010, p. 146)

Em Curitiba, a pixação se desenvolveu de encontro com o movimento da cidade de São Paulo, em que os aspectos estético (letras retas e anguladas, uso de tintas spray pretas) e coletivo (formação de grupos, formação de *points*, trocas de folhas, etc) foram influenciados diretamente pelos precursores paulistanos, em que os pixadores curitibanos tiveram contato com os paulistanos a partir da vinda destes para a cidade de Curitiba ou do contato com revistas de grafite.

A pixação, como essa prática transgressora, está envolta em uma dinâmica na qual sua prática de transformação e ocupação dos espaços urbanos evidencia um tensionamento em torno do “direito à cidade” (Lefebvre, 2008), em que a produção da cidade é realizada de maneira segregada. Os pixadores estão, portanto, inseridos na vida urbana contemporânea,

³ Cabe explicar que o uso do “X” em “pixação”, ortograficamente incorreta, é a maneira que os pixadores mencionam suas próprias inscrições, a diferenciando da “pichação” (Larruscahim, 2014), (Pereira, 2010). Tal distinção ortográfica é de suma importância para delimitar o fenômeno. Entendemos que a pixação se trata de um movimento urbano específico que possui características específicas, a saber, sua estética, seu grupo e suas práticas. A pichação, por outro lado, é o tipo de inscrição desprovida de estética, como frases, manifestos, desenhos, etc.

marcada pelas suas fissuras, conflitos e desigualdades (Harvey, 2009). Esse conflito inerente da agência pixadora com a estrutura urbana é importante para a compreensão de como a memória e a preservação no meio da pixação se relacionam com uma construção própria do espaço pelo movimento.

Esse grupo, ainda, possui uma relação particular com o meio urbano, desenvolvendo formas próprias de socialização e também uma rede de indivíduos que interagem, se agrupam e se reconhecem por meio de suas ações. Este estudo pretende demonstrar como certas práticas buscam preservar e demarcar a memória da pixação na cidade, fazendo parte de uma rede de preservação que se reproduz no interior do grupo.

Para esta análise, o trabalho se ampara metodologicamente em uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, tendo como principal técnica a observação participante (Flick, 2009), realizada em espaços frequentados por pixadores, como eventos e *points* da cidade de Curitiba, assim como da construção de um diário de campo. O estudo também se debruça sobre a análise de fotografias, em que estas se mostram fontes importantes para uma análise sociológica que leva em conta as construções simbólicas e sociais das imagens em determinados contextos (Becker, 2009), especialmente no caso urbano.

2. O ESTUDO DA MEMÓRIA NA SOCIOLOGIA

O estudo da memória esteve em um contexto em que a análise era pautada principalmente pela psicologia (Jedlowky, 2003). Tais perspectivas baseavam-se principalmente no caráter individual da memória e de como as lembranças se reconstruíam a partir do indivíduo. Pensadores como o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Bartlett, em seus estudos, em contrapartida, notaram como a memória individual apoiava-se em aspectos sociais no esforço de rememoração. É sob esta perspectiva que Halbwachs (1990) realizaria uma análise da memória em um âmbito coletivo.

Halbwachs, embasando-se nos estudos sobre representações sociais de Émile Durkheim e memória de Henri Bergson, enquadra a memória na sociologia a partir do que denomina “quadros sociais”, distanciando-se de análises individuais e psicologizantes da memória. Esta passagem de Halbwachs (2023) sintetiza como o sociólogo sintetiza perspectivas da psicologia, da filosofia e da sociologia:

Como se localizam as lembranças, nos perguntamos. E respondíamos: usando os pontos de referência que sempre carregamos conosco, pois basta olhar ao nosso

redor, pensar nos outros e nos situarmos no quadro social para encontrá-las. Observamos, por outro lado, que esses pontos de referência se multiplicavam à medida que nossa memória explorava áreas mais próximas de nosso presente, a ponto de conseguirmos lembrar de todos os objetos e rostos que chamaram um pouco de nossa atenção no dia anterior. Finalmente, percebíamos que passávamos de um objeto para outro, de um evento para outro, por meio de uma série de reflexões, como se, ao mesmo tempo em que pensávamos no objeto e em seu aspecto externo, no evento e em sua posição no tempo e no espaço, também pensássemos em sua natureza e significado. Em outras palavras, objetos e eventos se organizavam em nossa mente de duas maneiras, de acordo com a ordem cronológica de sua ocorrência e de acordo com os nomes que lhes damos e significado que lhes atribuímos em nosso grupo. (p.259)

Nessa passagem, Halbwachs demonstra como em um esforço de memória, um ato *a priori* individual, toda circunvisão do indivíduo em um momento relembrado é articulado para que a imagem mental se esclareça; e nesse dinâmica, o quadro social — no qual o grupo constrói significados tanto no passado quanto no presente — é construído coletivamente.

Halbwachs encontra portanto na memória coletiva, ou seja, naquela que se constrói a partir de grupos em comum participantes dos processos sociais envolvidos em um período, que as lembranças são restituídas e recontadas com eficácia. Nas palavras de Halbwachs (1990),

Para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, [...] não são necessárias. Elas não seriam, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda uma sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (p. 27)

Entende-se, com efeito, que a memória individual e coletiva se complementam. A partir dos grupos, coletivos e comunidades afetivas, ocorre o entrelace entre memória, imaginário e sentimentos (Halbwachs, 1990, p. 33), dinâmica essa que engendra os supracitados “quadros sociais” de memória nos coletivos.

Pollak (1987), nesse sentido, contribui para um fortalecimento do aspecto da memória individual. Mais que somente fundamentá-la no âmbito coletivo, o autor demonstra que a memória individual e coletiva são conectadas, e adiciona que as lembranças são decalcadas em três aspectos: os acontecimentos, as pessoas e os personagens e os lugares (Pollak, 1992, p. 201-202):

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. [...]

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.

Em frente a um fenômeno urbano como a pixação, os personagens e os lugares são centrais para a análise desse grupo. Como veremos, os lugares e os personagens são centrais na construção de uma memória não somente do movimento da pixação mas também dos espaços da cidade.

Com efeito, ao se pensar na ação dos pixadores no meio urbano, é indispensável entender a memória coletiva dentro de espaços, lugares e territórios constituídos por estes. Halbwachs (1990) desenvolve a noção de uma memória coletiva dos espaços partindo da significação de objetos que os modificam. Além dessa identificação associativa, entende-se que esse espaço é transformado pelo coletivo que o ocupa:

[...] o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido, que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (Halbwachs, 1990, p. 133).

Sobre as intersecções dos conceitos de espaço e memória, é interessante trazer a perspectiva de Eckert e Rocha (2001), em que sobre a cidade e sua diversidade, pontuam:

É importante dar conta desta dinâmica da continuidade/descontinuidade de universos simbólicos que contempla os territórios da vida urbana no Brasil, em que grupos/indivíduos co-dividem, num mesmo espaço, relações extremamente diversas, [...] sempre dimensionando sistemas de valores, de imagens, de códigos, formas de pensar e exprimir-se diferencialmente. Neste contexto aparentemente caótico e desordenado, o estudo da memória individual e coletiva é a chave para se elucidar indivíduos e grupos que geram, produzem e transmitem conjuntos de significados sobre os territórios urbanos em que habitam, mediando projetos sociais e culturais como referência de sentido para sua ação no contexto das complexidades dos processos de trocas e interações sociais. (p. 11)

A pixação, sendo este fenômeno urbano das cidades brasileiras, evoca uma rede de códigos e significados que são exclusivos ao movimento. Ao adentrar neste campo, percebe-se como tal coletivo se define dentro de configurações próprias que efetivamente desviam de uma norma da sociedade (Becker, 2008) e que, ao mesmo tempo, criam táticas e estratégias — no sentido de que os pixadores possuem uma agência transformadora frente ao cotidiano — (Certeau, 1992) para a continuidade da própria pixação e também de uma memória do grupo e suas ações.

Para o estudo da memória em um grupo urbano como os pixadores, vale ressaltar como aspectos sociais impactam em um processo individual, como o de lembrar. Da mesma maneira, é importante destacar como a memória para este grupo está em uma posição de marginalidade. É interessante assinalar que o estudo da memória em um grupo como o de pixadores vai de encontro com as ponderações feitas por Pollak (1989) em que a memória de grupos marginalizados vão de encontro a uma memória oficial, como a nacional ou a particularista:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples "montagem" ideológica, por definição precária e frágil. (Pollak, 1989, p. 10)

Por fim, a pixação está em confrontação com diversos aspectos que a colocam em posição de marginalidade, não somente na esfera da memória, mas também na ordem social. Como nota Guattari (1987) ao observar as gangues de Nova Iorque, analisar um grupo marginalizado é compreender os pontos de ruptura presentes nas estruturas sociais (p. 46), justamente pois estas concebem “novas modalidades de organização da subjetividade coletiva” (Guattari, 1987, p. 47). Neste contexto, veremos como os pixadores criam maneiras de dar continuidade às suas ações através do registro e da preservação de suas ações na cidade que apontam para uma memória social do movimento.

3. MEMÓRIA E PIXAÇÃO: APONTAMENTOS A PARTIR DO MOVIMENTO DE CURITIBA (PR)

No dia 4 de março de 2026, faleceu o pixador e grafiteiro “DESP” da gangue⁴ DANE-SE, conhecido por suas ações na cidade de Curitiba. Esse acontecimento gerou uma comoção no meio da pixação curitibana. Folhas assinadas por ele e “rolês”⁵ foram lembrados através de imagens nas redes sociais e homenagens prestadas ao pixador. Em tais mensagens, eram relatados e lembrados os momentos com DESP, como pixações e grafites feitos em conjunto e folhinhas assinadas. Tal fato, que ocorreu enquanto desenvolvia uma dissertação sobre a memória na pixação de Curitiba, levantou uma reflexão de como as

⁴ Na pixação, uma “gangue”, ou *crew*, é um grupo de pixadores que se associam em uma mesma assinatura.

⁵ Os rolês, assim denominados pelos pixadores, são tanto o produto final do pixo quanto como um ato em associação.

práticas dos pixadores no espaço e nas suas produções de artifícios de lembranças funcionam ativamente com os acontecimentos que permeiam o movimento.

No dia 7 de março de 2026, alguns dias após seu falecimento, foi realizado um evento em memória de DESP. O evento em questão tratou-se da pintura de um muro na Vila Independência, na Zona Oeste de Curitiba, por vários pixadores e grafiteiros de Curitiba que conheciam DESP (Figura I).

Figura I - Grafites em homenagem à DESP. Na imagem pode-se ver o grafiteiro escrevendo “ETERNO DESP”.



Fonte: Do autor, 2026.

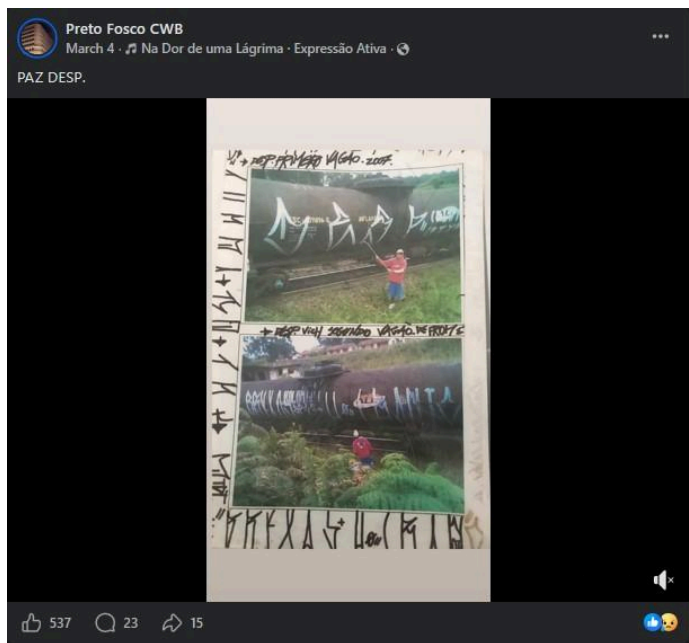
Ao chegar no evento, imediatamente reconheci como grafiteiros e pixadores estavam juntos naquele espaço. Ao conversar com alguns indivíduos, estes mencionaram que receberam autorização do proprietário para a realização do evento. Percebi que havia certa organização no espaço, em que houve uma delimitação de um espaço específico no muro para cada grafiteiro ou pixador. Alguns grafites e “grapixos” (junção das cores do grafite com as letras da pixação) já estavam prontos e outros em desenvolvimento. Também reparei como certos aspectos das artes ali realizadas eram voltadas à memória e homenagem de DESP, como um grafite de sua face, mensagens como “DESP ETERNO” e interpretações das *tags* e *pixos* na qual DESP realizava⁶.

Com efeito, não somente através do evento em homenagem ao DESP que cessou as marcações em lembrança à sua passagem. Em diversas pixações feitas naquela semana na cidade de Curitiba, se encontravam pixações que traziam escritas ao lado como “PAZ DESP”, assim como diversas postagens em redes sociais de pixadores. Entre essas, vale destacar a postagem da página Preto Fosco CWB, que tem como objetivo a preservação de imagens e

⁶ Anotações do diário de campo de março de 2026.

ocorridos na pixação através da recordação de imagens antigas e relatos de pixadores (Figura II).

Figura II - Vídeo em homenagem ao pixador DESP. No vídeo, aparecem folhinhas assinadas e pixações realizadas por DESP.



Fonte: Página Preto Fosco CWB, 2026.

Este evento evidenciou como os pixadores tratam a questão do luto, assim como os pixadores organizam registros com a finalidade de produzir uma memória do grupo. O luto é um dos aspectos que chamam a atenção para como o movimento da pixação produz e reproduz uma memória. Como discutido por Candau (2011), a morte de um indivíduo de certo grupo, com frequência, tem efeito para com a coesão da identidade coletiva ao converter-se como objeto de memória (p. 143).

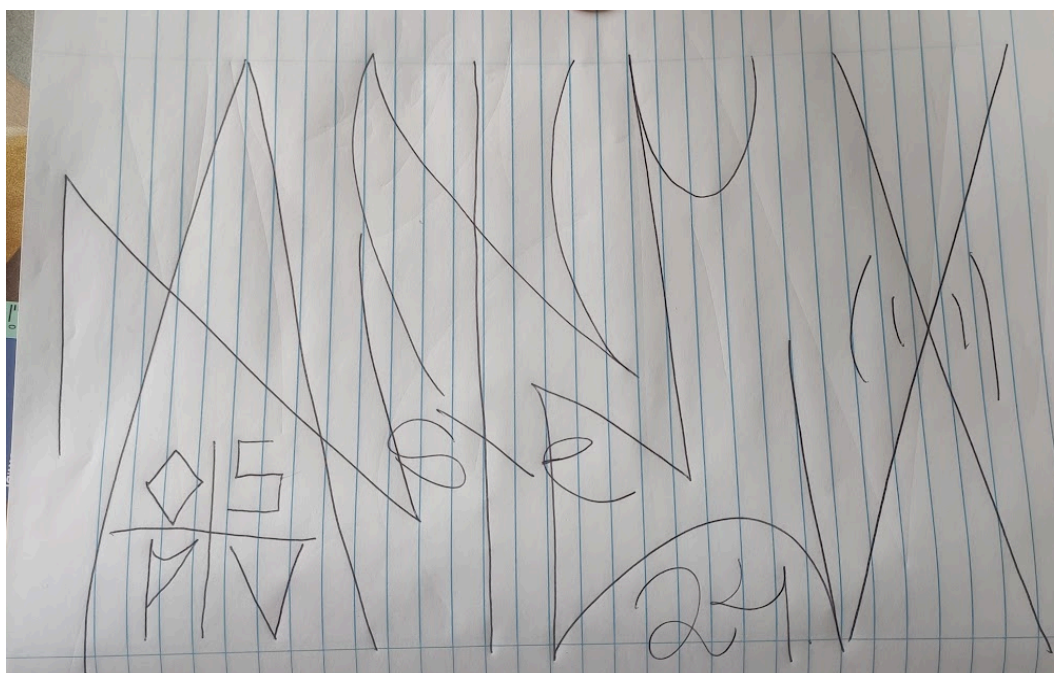
No trabalho etnográfico de Pereira (2012), o pesquisador observa que a memória aparece como um aspecto recorrente na pixação paulistana, em que as constantes de risco e morte de suas atividades levam os pixadores a estarem produzindo objetos e significações de lembranças, em que a memória coletiva é enquadrada a partir dessas representações e preservações no espaço urbano. Em uma passagem que pode ser comparada a de DESP, em que comenta a relação dos pixadores paulistanos com a morte de #DI#, Pereira destaca:

Entre os pixadores, é muito comum ouvir ou vê-los fazendo homenagens a colegas que já morreram. Os relatos das mortes e as homenagens aos falecidos são constantes em suas narrativas e nas marcas que deixam nos muros. Não é difícil observar, ao lado de alguns pixos, as frases: “In memoriam” ou “Esteja em paz”. [...] Esses relatos de morte de colegas destacam a importância da memória e ressaltam a necessidade de se lembrar dos companheiros já falecidos. (Pereira, 2018, p. 59)

Em conversa com os indivíduos que estavam no evento em homenagem à DESP, mencionou-se como DESP havia sido uma inspiração para sua entrada no grafite ou na pixação, assim certas lembranças de rolês que realizaram no passado; ao mesmo tempo, outros afirmaram não conhecê-lo diretamente, mas que sempre viam seus “rolês” nas ruas⁷.

Um acontecimento fatal no movimento da pixação, como a morte de um de seus membros, coloca a vista as diferentes práticas que visam preservar a memória do pixador e como sua história e trajetória na pixação se entrelaça com outros indivíduos que guardam registros de seus atos, principalmente na coleção de folhinhas, na participação de agendas e na preservação dos “rolês”. Vale refletir sobre como essas práticas se entrelaçam na construção de uma memória do movimento.

Figura III - Folhinha da pixação assinada por ATCX, com presença da grife OS PÉ VERMELHO, em 2024.



Fonte: Do autor, 2026.

A folhinha (Figura III) é um dos principais artefatos da pixação com a finalidade de preservar a assinatura de um pixador. Feita em um papel de caderno, os pixadores colecionam folhinhas nos diferentes *points* da cidade. Através desse espaço ocorre a denominada “troca de folhas”, ou seja, a troca da “assinatura” do pixo em uma folha para fins de coleção e arquivo. Nestas folhinhas se assina a gangue do pixador e o seu nome de rua, assim como eventuais grifes⁸ que o pixador participa e o ano que a folhinha foi assinada. Os *points* da

⁷ Anotações do diário de campo de março de 2026.

⁸ A grife é um símbolo que agrupa diferentes pixadores com a finalidade de “expandir as relações de troca pela cidade” (Pereira, 2010, p. 147), com frequência a partir de uma identificação com certas formas de pixar, ou uma

pixação são constituídos por algum local na cidade que seja de fácil acesso, como o centro da cidade, pistas de skate, campos de futebol de bairro, etc. Em Curitiba, por exemplo, os principais *points* são o central, realizado no Bar do André na Rua Trajano Reis, no Centro, e o *point* da “Zona Sul”, no Menô Skate Bar, no bairro Boqueirão.

Nos espaços que se trocam folhas, os pixadores possuem uma forma de conduta que se define pela “humildade”. A humildade opera através de uma lógica em que o pixador mais novo procura a assinatura de pixadores mais velhos no movimento para sua própria coleção; de maneira recíproca, o pixador mais velho “humildemente” aceita assinar a folhinha do mais novo. Outra categoria presente nesse ambiente e chave para a compreensão de como se define uma trajetória dentro da pixação é a do “ibope”, o “reconhecimento” (Pereira, 2021) que detém o pixador entre seus pares, no que inclui sua proeza nas pixações que faz — como a dificuldade de pixar um prédio, ou confronto com a polícia — e a quantidade de pixos que o indivíduo ou sua gangue realizou, em suma, o prestígio que um pixador possui no meio.

Se a pixação está fundamentada na formação de grupos e de meios de trocas sociais entre pixadores, como o *point* e suas práticas, a sociabilidade mostra-se um conceito importante para analisar como certos espaços da cidade são ocupados com a finalidade de trocar experiências, folhinhas, etc. Como observa Pereira (2012), ao analisar os pixadores da cidade de São Paulo, a sociabilidade aparece como um conceito chave nas ações desses, em que, se por um lado a imprensa e a população define a pixação como poluição visual, vandalismo ou transgressividade, os pixadores paulistanos, por outro lado, compreendem que “a rede de sociabilidade e reconhecimento que eles tecem a partir dessa prática tão malvista revela-se o elemento mais importante” (Pereira, 2012, p. 57).

A sociabilidade como proposta por Simmel (1983), estudando as interações sociais urbanas, mostra-se relevante para esse conceito e sua transversalidade com o espaço. A sociabilidade se fundamenta nos laços formados pela vida social a partir das relações em comum estabelecidas. Nas palavras de Simmel (1983),

Esse processo [sociabilidade] funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui, a ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmos e pelo fascínio

relação de identidade e pertencimento. Por exemplo, em Curitiba, caso o pixador seja torcedor de um dos times da capital — como Clube Athletico Paranaense, Curitiba Football Club ou Paraná Clube —, poderá ser convidado a integrar as grifes associadas a essas torcidas, como, respectivamente, CAPIXO (Cartel Atleticano do Píxo), COXA PIXO ou Tricolor Vandal.

que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade. (p. 168)

Entendemos a sociabilidade em Simmel como esses vínculos estabelecidos no meio social. Simmel, em outro momento, iria articular a ideia de espaço e interação social, na qual, partindo do pressuposto que o espaço vai além da dimensão geográfica e se configura a partir da noção da formação de comunidades (Simmel, 2013, p. 77), que ocupa e expande o limite no espaço, seja ele da cidade, do Estado, zonas rurais e urbanas etc, isto é, a delimita a partir da interação entre os indivíduos, que por sua vez é carregado de sentido pelo grupo (Simmel, 2013, p. 79).

Os pixadores e seus *points*, portanto, demonstram como a sociabilidade funciona através desse estabelecimento de um espaço particular de uma comunidade que possui sua própria motivação ao ocupar determinado espaço da cidade. Nesses espaços, em que ocorre a troca de folhas entre os pixadores, permite-se que os pixadores estabeleçam conexões com pixadores de diferentes lugares da cidade e, em vários casos, de outras cidades. Com isso, realiza-se o processo de arquivo e coleção destas folhas dos mais variados indivíduos e trajetórias dentro do movimento da pixação local. Vale ressaltar que a prática da coleção de folhinhas e a participação nos *points* não é uma prática que a totalidade dos pixadores aderem. Em uma conversa com um membro da gangue OS CARETA, por exemplo, este menciona que não faz coleções nem assinatura de folhinhas pois estas práticas incidem na participação em *points*, espaço cuja participação não o agradava devido a conduta que certos pixadores adotavam naquele ambiente, em que relatou observar brigas e competitividade no local⁹.

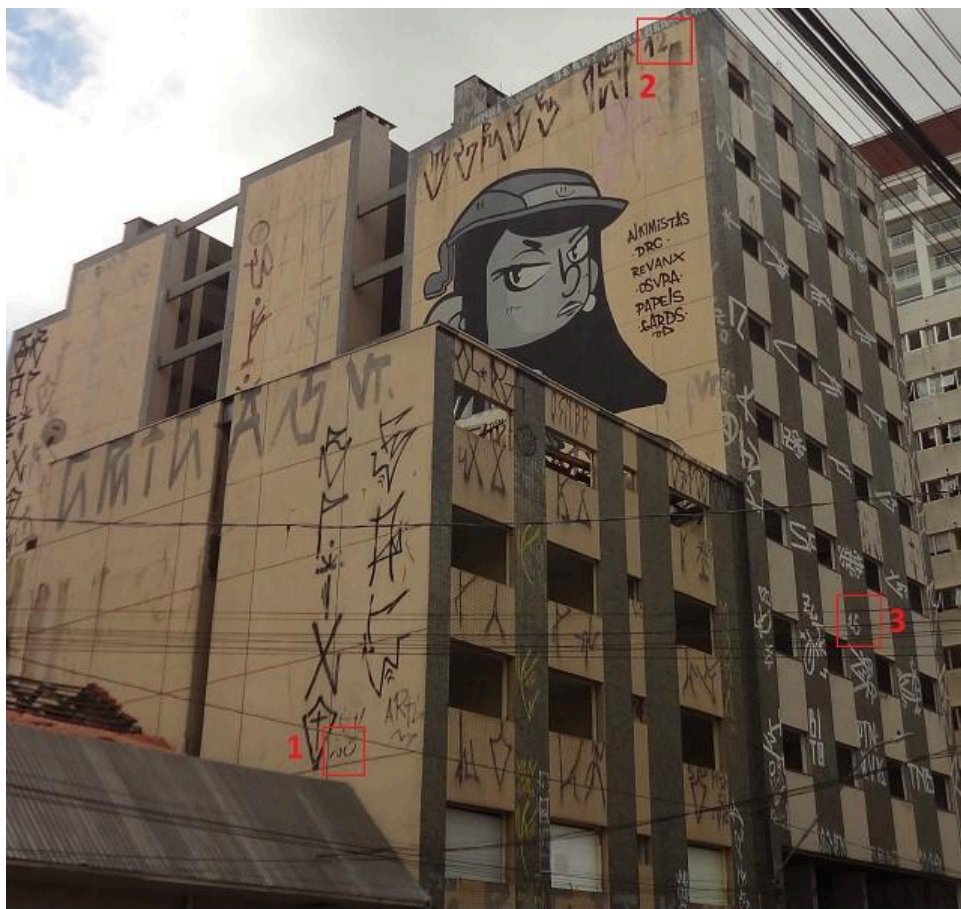
As folhinhas e esses espaços e interações de sociabilidade se relacionam também com a memória deste grupo. Ao coletar folhinhas, os pixadores realizam coleções destas que atravessam a trajetória do indivíduo que assina e do que recebe, em que, em casos que o pixador coleta folhinhas de diferentes períodos e lugares, a coleção torna-se cada vez mais valiosa para os pixadores. A coleção e o arquivo de folhinhas na pixação funcionam, à maneira da discussão promovida por Jean Baudrillard (1968) sobre o acúmulo de objetos antigos de determinada ordem simbólica, como uma maneira de rememorar e de evocar um sentimento nostálgico de uma época da pixação; como colocado por Baudrillard (1968), as coleções funcionam em uma série simbólica que fazem a continuidade da vida de determinado objeto. Portanto, esses arquivos, dentro da trajetória dos pixadores, são uma maneira de voltar ao passado. Como destaca Pereira (2021), mesmo aqueles (ex) pixadores que pararam com tal

⁹ Anotações do diário de campo de março de 2026.

atividade, guardam tais artefatos e continuam frequentando os *points* a fins desse movimento de relembração e evocação de um tempo passado.

As agendas da pixação são outra configuração que demonstra a construção coletiva da memória no espaço. Uma agenda da pixação se define como um espaço que possui pixações de diferentes anos e de diferentes pixadores, em que o espaço é visado por pixadores devido a sua importância histórica.

Figura IV - Agenda Vertical da Pixação em Curitiba (PR) em 2026.



Fonte: Do autor, 2026.

Na Figura IV é visível como se constituem as agendas, em que várias pixações de diferentes períodos convivem no mesmo espaço, nesse caso, em prédios no centro da cidade. No primeiro prédio à vista, podemos ver pixos da gangue B.PIXO (BOM PIXO, indicada pelo número 1) datada de 2023, enquanto no segundo prédio podemos ver a gangue OGROS (de São Paulo, indicada pelo número 2) é datada de 2012. Na frente do segundo prédio, podemos ver diferentes pixações datadas do ano de 2016; abaixo do número 2, podemos observar ainda um grafite de GARDPAM, grafiteiro curitibano, na qual lista uma série de pixações (ALKIMISTAS, DRC, REVANX, OS VPA, PAPELS e a própria assinatura do grafiteiro,

GARDS) que ali estavam antes de serem grafitados por cima, e, em certo sentido, mantinha viva — por outros meios — as pixações que antes ali se encontravam¹⁰.

Essa ação de GARDPAM, que pode ser considerada uma tentativa de dar continuidade às pixações que estavam se apagando, é o que os pixadores frequentemente denominam de “reforço”, ou “preza”. Na Figura V e VI é possível observar esse processo, em que a pixação de SNOL da gangue BCENOTA, falecido no ano de 2024, estava em processo de apagamento até ser reforçado por outros pixadores. Na Figura V é possível ver a pixação feita por SNOL em 2022, mas que já demonstrava degradação pelo tempo; na figura VI, observa-se o reforço realizado pelos pixadores DROZE, YELOW e CES no ano de 2026, em que realizaram os mesmos traços feitos por SNOL, com o objetivo de evitar o apagamento do pixo.

Figura V - Pixação de SNOL no ano de 2022.



Fonte: Do autor, 2022.

Figura VI - Pixação de SNOL reforçada por DROZE, YELOW e CES no ano de 2026.



Fonte: Do autor, 2026.

Trata-se de uma prática que indica o esforço de preservação, principalmente de pixadores que já faleceram ou que pararam na atividade. Este esforço de preservação e de respeito à pixação fica mais evidente quando nos deparamos com uma espécie de “lei” existente no meio da pixação, na qual “atropelar” (ou seja, pixar por cima de outra assinatura) é visto como uma transgressão dentro do grupo. Pereira, na cidade de São Paulo, observa como essa prática se relaciona com a memória não somente dos que já se foram, mas também de pixadores mais velhos:

O respeito à memória dos mortos é evidenciado também no modo como a maioria aborda uma prática considerada execrável, a de “atropelar” a inscrição do outro. Atropelar é a forma como denominam o ato de passar por cima da intervenção visual

¹⁰ Ferramentas como o Google Maps permitem observar transformações nos registros visuais urbanos, evidenciando processos como o apagamento gradual de inscrições ao longo do tempo. No caso analisado, é possível verificar o desgaste e apagamento das pixações anteriores à intervenção de GARDPAM, no ano de 2022, conforme registro disponível em: <https://maps.app.goo.gl/trxa3RjQhfbbrbHf8>. Acesso 20 mar. 2026

alheia, ou, em outras palavras, de pixar sobre o pixo do outro. Não há ofensa maior do que se ter a marca sobreposta por outra. Presenciei muitas discussões e brigas por causa disso. Aquele que atropela as marcas alheias não é bem visto. Por outro lado, quem tem sua inscrição atropelada, caso encontre o atropelador, exigirá satisfações. Além da ofensa pessoal, os pixadores também destacam a questão do desrespeito à memória dos mais velhos – “os mais antigos” na atividade –, dos mortos e da própria pixação como justificativa para a desqualificação do atropelo. (Pereira, 2012, pp. 59-60)

Na agenda da Figura VII é observável como as pixações não estão sobrepostas (ou, no léxico dos pixadores, não se “atropelam”), assim como o pixo CÓLERA evita atravessar a pixação de AKINAO, na qual já está em processo de apagamento, ao separar as letras entre “COL” e “ERA”.

Figura VII - Agenda da Pixação. Na imagem, verifica-se como o espaço do outro pixador é respeitado.



Fonte: Do autor, 2026.

Portanto, não é incomum perceber em certas agendas como as pixações deixam certos espaços sem preenchimento. Ao respeitar a pixação alheia, evita-se problemas com outros pixadores, assim como eventuais “atropelos” da própria pixação que podem ser feitas a partir de uma disputa de espaço; o pixador que de maneira deliberada faz seu pixo por cima de outro, fica conhecido como “bafo”¹¹, em que tal rótulo funciona como um estigma no grupo. Tal regra vai além do meio da pixação e se estende para outras artes urbanas, como o grafite, o muralismo e as *tags*, em que em casos de atropelo, esses artistas são marcados como “bafos” e podem ter seus atos repudiados.

¹¹ Um caso que coloca em evidência a importância de se respeitar a pixação alheia ocorreu em Curitiba, no ano de 2020, em que pixadores acusaram THC, pixador e grafiteiro, de atropelar a pixação de ROTA YNOV e DR2, ambos pixadores que saíram do movimento há alguns anos. Tal feito foi visto com indignação por outros pixadores, em que o rótulo de “bafo” foi dado a THC e, em consequência, suas pixações foram “atropeladas” da mesma maneira.

Figura VIII - Pixação no ano de 2017.



Fonte: Google Maps, 2017.

Figura IX - Pixo da grife “Tricolor Vandal”, em que houve o “atropelo” da pixação anterior.



Fonte: Google Maps, 2025.

Figura X - Atropelo da torcida Império Alviverde por cima da grife “Tricolor Vandal” em 2026.



Fonte: Do autor, 2026

Nas Figuras VIII, IX e X é possível ver o processo de “atropelo” e, nesse caso, uma disputa que vai além da pixação. No primeiro momento, o pixador ocupa a parte de cima da marquise (Figura VIII); em um segundo momento, outro indivíduo faz uma pixação da grife “Tricolor Vandal”, sobrepondo-se à pixação anterior (Figura IX); por último, observa-se a pichação de um torcedor do Coritiba, pertencente a torcida organizada Império Alviverde, que notoriamente possui rivalidade com a torcida organizada do Paraná Clube (Fúria Independente), que, em um gesto de rivalidade quanto à simbologia que representa a torcida adversária, pichou por cima da grife como forma de demonstrar predominância¹².

As diferentes maneiras em que se busca a preservação da memória na pixação, através da coleção de folhinhas e do esforço de conservação do pixo no espaço ocupado, indica como os indivíduos deste grupo possuem uma relação com o espaço urbano na qual a memória ocupa uma centralidade. Como menciona Candau (2011), o ato de inscrição é uma exteriorização da memória, e os pixadores, ao esforçarem-se para manter e registrar seus atos contra o tempo e o esquecimento, produzem para si uma memória coletiva do grupo.

Os fenômenos de reforço, de respeito ao pixador que já ocupa um espaço e também as homenagens realizadas através da pixação, demonstram como a memória para este grupo vai de encontro com o que Halbwachs (1990) promovia com relação a memória coletiva: que esta se constrói a partir de uma significância conjunta. E no caso da pixação, também se evidencia uma preservação coletiva contra o apagamento e o esquecimento, principalmente dos pixadores que já faleceram.

¹² A transitoriedade entre diversas culturas urbanas, como a de torcidas organizadas e da pixação, é um interessante fenômeno. Nesse caso, um indivíduo fora do movimento da pixação transgrediu uma regra do movimento na qual não faz parte. Sobre a relação de rivalidade entre torcidas na cidade de Curitiba, cf. Hansen, 2007.

4. CONCLUSÃO

As maneiras pelas quais os pixadores produzem e reproduzem maneiras de lembrar e de preservar seus atos demonstra como o grupo possui uma relação particular com o espaço urbano que coloca em perspectiva a construção de uma memória coletiva no movimento da pixação. Para isso, foi exposto como práticas como coleção de folhinhas, participação em agendas, os reforços e os rolês carregam consigo uma configuração simbólica que ilustra a memória e a sociabilidade dentro da pixação.

Trabalhar com a noção de memória coletiva de Halbwachs auxilia na compreensão dessas práticas ao colocar em debate como a memória e as lembranças são pautadas por aspectos coletivos mesmo em ocasiões individuais. Através dessas práticas, percebe-se como o pixo vai além de uma assinatura individual, envolvendo relações que carregam um sentido de coletividade para o movimento. Os *points*, as trocas de folhas e os eventos são organizados com a finalidade de garantir a continuidade do movimento e, dada as suas particularidades, produzir uma história e uma memória para o grupo. O trato com as pixações alheias, ao evitar os “atropelos”, ao reforçar a pixação que se apaga, demonstra também, um esforço coletivo de resistência frente ao apagamento e ao esquecimento da memória.

Ainda, foi possível observar como os pixadores possuem uma relação de preservação que está relacionada com o espaço que ocupam. A “lei” que rege o movimento da pixação, de não “atropelar” a pixação alheia, evidenciou como os pixadores se preocupam com uma certa organização e preservação de um espaço ocupado por uma pixação. O reforço de pixações que se apagam, como o caso de BCENOTA e de GARDS, ilustra como o esforço de preservação é prezado pelo coletivo, sendo que, em certos casos, há o reforço de pixações alheias.

Por fim, a análise de grupos como os pixadores permite compreender como coletivos marginalizados, no cotidiano, produzem maneiras particulares de inscrever, registrar e transmitir memória, ao mesmo tempo que tensionam a legalidade e o reconhecimento social.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. Le système des objets. Paris: Gallimard, 1968.

BECKER, Howard. Outsiders: Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard. Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.

BRASIL. Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011. Dispõe sobre... Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. Acesso em: 20 mar. 2026.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CERTEAU, Michel de. 1992. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes. 351 pgs.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana. L. C. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 2, n. 4, 2001.

GUATTARI, Félix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HARVEY, David. A Liberdade da Cidade. GEOUSP Espaço e Tempo, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 09-18, 2009.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes – do direito à cidade à revolução urbana. Martins Fontes. São Paulo, 2014.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALBWACHS, Maurice. Os quadros sociais da memória. Curitiba: antoniofontoura, 2023.

HANSEN, Viviane. "Torcida organizada Os Fanáticos: relacionamento e sociabilidade." *Curitiba. PR [sn]* (2007).

JEDLOWKY, Paolo. "Memórias, temas e problemas da sociologia da memória do século XX." *Pro-Posições* 14.1 (2003): 217-234.

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LARRUSCAHIM, Paula G. From graffiti to pixação. *Tijdschrift over Cultuur & Criminaliteit*, v. 4, n. 2, p. 69-84, 2014.

LARRUSCAHIM, Paula G; SCHWEIZER, P. A criminalização da pixação como cultura popular na metrópole brasileira na virada para o século XXI / *The criminalization of pixação as popular culture in the brazilian metropolis at the dawn of the 21st century*. Revista de Direitos e Garantias Fundamentais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 13–32, 2015. DOI:

10.18759/rdgf.v15i1.650. Disponível em:
<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/650>. Acesso em: 20 mar. 2026.

LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2008.

OLIVEIRA, Roberto; WAINER, João. Pixo. Direção: R. Oliveira; J. Wainer. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Documentário.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, p. 143–162, 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação, Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 1, No 2 | 2012.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Um rolê pela cidade de riscos: Leituras da pixação em São Paulo. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

SANTOS, Myrian S. Memória coletiva e teoria social. Coimbra: Annablume, 2012.